

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

FABIANO GUIMARÃES DA ROCHA

**Conectivos interfrásticos da Libras:
um estudo de conjunções nos gêneros discursivos**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado, como pré-requisito de
conclusão do curso de Especialização em
Linguística, Língua Portuguesa e Produção
de Texto, à Faculdade Estácio de Sá,
orientado pela professora Kátia Emmerick
Andrade.**

**Rio de Janeiro
Março de 2009**

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	01
2 – SUJEITO SURDO: LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE	04
3 – LINGUÍSTICA TEXTUAL, SENTIDO E ANÁLISE DO DISCURSO.....	10
4 – ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO.....	14
5 – GÊNEROS DISCURSIVOS EM LIBRAS.....	20
5.1 Gênero social	21
5.2 Gênero acadêmico.....	25
5.3 Gênero religioso	29
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
APÊNDICE.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1. Introdução

Para iniciar esta introdução se faz necessário indicar qual atitude adotada em relação à sua construção. Neste estudo inscreve-se o discurso assumido, na referência pessoal na tramitação entre as primeiras pessoas do singular e plural, *eu e nós*.

Falar de linguagem remete-nos a decifrar o espírito do ser humano, pois como sabido é por nós, a língua é a essência da humanidade e a que nos difere das demais espécies. Entretanto para entendê-la ou mesmo compreendê-la, exige de seus investigadores árduo trabalho de observação, análise, proposição.

A Linguística é a ciência da linguagem que realiza o estudo científico das línguas naturais. Esse campo da linguagem reconhece a Ferdinand de Saussure como aquele que pôs ordem aos estudos lingüísticos, dando a ela um caráter metodológico, com a formulação de um esquema dicotômico.

Sublinho nesse início essas revisões porque acerca de língua que iremos trabalhar aqui. Para tal, as concepções primárias dessa área necessitam estar eminentes. Desse modo, busco, a prioriamente, em Saussure, os conceitos basilares de línguas, não que os usarei no interior da investigação, mas é que neles principio todos pressupostos e hipóteses na língua referendada no estudo.

Para o mestre genebrino, a língua “constitui-se num sistema de signos, onde de essencial só existo a união de sentido e de imagem acústica”. Mais. “Um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (CARVALHO, 2003, p. 58), e, sobretudo, para ele um fato social, já que é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo e um produto social da faculdade da linguagem.

Doravante a essa postulação social do sistema lingüístico que se aporta ao caminho que se pretende apreender nossa análise: a língua em um fazer social tem como subjacentes atos e enunciações discursivas em sua energia.

Dessa esteira, as correntes científicas para embasar as inferências são Análise do Discurso, a Lingüística Textual, a Semântica, e como tema abordar os conectivos interfrásticos, mais precisamente o uso e o funcionamento das conjunções da Libras – língua brasileira de sinais- como operadores discursivos/argumentativos nos enunciados de sujeitos languageiros/de linguagem e nativos desse idioma, os surdos.

Persigo, assim, por meio de recortes lingüístico-discursivos a relação de sentidos estabelecidos nas enunciações em Libras, como as regularidades lingüísticas forjam

estratégias discursivas pelos utentes (in)conscientes e, também, como se elabora a argumentação discursiva na articulação dentre os conectivos interfrásticos dos textos em Libras, em sua biunívoca relações lógico-semântica e argumentativa.

A Libras como língua natural possui todos os níveis de um sistema linguístico, morfologia, fonologia, semântica, sintaxe e pragmático. Contudo, ao nível discursivo da Libras que se debruçará essa pesquisa, já que como por extensão idiomática, coexiste deveras aos outros elementos estruturais.

Dessa perspectiva, proponho-me a observar como ocorre a relação discursiva e argumentativa e enunciações em Libras? Além disso, qual a relação de sentido e estratégia nas interações entre locutor e alocutário na diversidade de representação no enunciado?

O objetivo desse estudo destaca o desenvolvimento de uma abordagem semântica com relação à análise de discurso de construções da Libras, assim, problematizar os enunciados em Libras como unidade de discurso, observando o modo pelo qual os conectivos interfrásticos constituem a orientação argumentativa na fala do sujeito surdo.

Um quadro teórico diferente como esse, em que não se encontrou literatura específica sobre os conectivos interfrásticos da Libras, vê tal fenômeno na sua formulação e progressão textual, em estrutura própria, “como um conjunto de hábitos linguísticos que permite a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (CASTELAR, 2003, p. 58).

À defesa do meu empreendimento científico, recorro a inevitável interrogação que esse material pode provocar: o desvelamento de uma ideologia nos textos não implica uma outra ideologia do analista? (WIDDOWSON E BEAUGRANDE, in CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004, p. 46).

As minhas hipóteses e alegações aqui acerca de as sensíveis relações de sentido no discurso argumentativo da Libras, pode estar implicando a asserção de minha particular ideologia. A impressão da minha posição e visão do objeto, uma representatividade da coisa observada, foi aventada por muitos aspectos que, para suas convergências idearia, foram constituintes à concepção do objeto que postulo e não (necessariamente) o objeto como é em si mesmo no estado “neutro” de sua existência.

Contudo, qualquer outro pesquisador, antes ou depois a mim, que avaliasse o material lingüístico, implicaria a esse mesmo processo (subjetivo), delineando o objeto a partir de si que explora não a pureza do objeto, mas a representação dele.

Até mesmo um falante natural de um idioma, ao tornar-se produtor desse sistema, faz suas escolhas e combinações, do lexical ao pragmático, segundo os motes que

mobiliza-se consoante cada situação contextual, e manipula a linguagem conforme o seu conhecimento de mundo, inferência, informatividade, intencionalidade, interferindo à pureza de significância do objeto também.

Mais uma vez à minha defesa recorro agora à voz de Eduardo Guimarães. Nele procuro assumir “a posição de que a explicação científica não alcança o fato em si, mas o fato já construído por um ponto de vista (...) Assim os testes e o julgamento de aceitabilidade que faremos são uma manipulação analítica, ou seja, são uma técnica heurística para se poder produzir hipóteses sobre os fatos.” (2006, p.15).

Meu trabalho considerará dois níveis elaborativos: observacional e descritivo-explicativo como método, de um procedimento metodológico e analítico, na constituição dos fatos observados, escudado em linhas teóricas já apresentadas.

Isso porque sobre os conectivos interfrásticos da Libras e como funcionam nela e como os surdos manipula-os discursivamente – traços lingüísticos ausentes na literatura atual, é que serão tratados aqui.

Que se tem são empreendimentos sobre surdos produzindo textos escritos na Língua Portuguesa, com ênfase no sujeito surdo, cujos trabalhos não pude aproveitar, (i) os usos de conetivos interfrásticos entre a Língua Portuguesa e a Libras exigem mecanismo cognitivos diferentes entre si; (ii) as duas línguas se diferem em processamento e resultado de sentido, de orientação e de estratégias de articulação discursiva; (iii) existem fenômenos lingüísticos que só no interior de dada língua podem ser apercebidos; (iv) uma conjunção similar encontra divergência estrutural na relação morfossintática nas línguas.

E desse modo, a avaliação sobre a construção de sentidos da escrita dos surdos, com utilização dos elementos de conexão na Língua Portuguesa, interferiria na cadência dos enunciados em Libras como instrumentos de argumentação discursiva, já que o idioma visomanual possui uma especificidade para a sua constituição.

A transitividade Língua de Sinais para Língua Portuguesa incorre em fenômeno particular, o hibridismo lingüístico; enquanto os conectivos irrompem um fato de enunciação polifônico, preenchido por aspecto construído tacitamente na materialidade lingüística na Libras.

Incluo, nesta introdução, ter sido usado produção humana, quero dizer, são com produções discursivas realizadas por três surdos que mapeio todas as hipóteses. As produções textuais nas “mãos de quem sabe falar”, são categorizadas em três gêneros discursivos, social, acadêmico e religioso.

Por derradeiro, todos os capítulos de desenvolvimento voltam-se para o diálogo dos autores pesquisados. Uma dialogação que, sucintamente, vai apresentar tensões, e uma dialética pertinente entre as obras investigadas.

2. Sujeito Surdo: Língua, Cultura e Sociedade

A língua como convenção social de uma dada comunidade expressa seu modo de pensar, como “um sistema altamente desenvolvido” (QUADROS, 2005, p. 29). A linguagem (leia-se língua) é um instrumento muito importante para o desenvolvimento e a sobrevivência do indivíduo porque, como maior mecanismo de comunicação humana, o torna hábil para produção de enunciados infindos, além de ter padrão e estrutura dependentes.

A transmissão e expressão de raiva, alegria, revolta, amor se faz através desse instrumento. A Libras, nesse sentido, em nada se difere das demais línguas naturais.

Eulália Fernandes destaca que ao tratar o tema linguagem e pensamento o conceito de significado deve ser salientado. Para ela, “a base do conceito de significado, no entanto, está vinculado ao conceito de signo” (2003, p. 17).

O lingüista Ferdinand de Saussure considera a língua como “um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica” (CARVALHO, 2003, p. 29), ou seja, são duas “faces” que não podem dissociar, sem sentido não há palavra, e não há palavra sem sentido.

A reprodução mental de um signo é através dessas duas essências, também chamadas de imagem acústica e imagem conceitual. A primeira é denominada como significante, e a segunda, como significado. O falante associa o significante ao significado para formar um signo, na ausência de uma, não existe signo.

Os padrões visuais da língua brasileira de sinais, ao contrario do que muitos pensam, expressam relações entre o significante e significado. Os dois elementos são psíquicos e estão unidos no cérebro, por um vínculo de associação (CARVALHO, 2003).

A idéia do significante poderia ser um complicador contra a língua viso-espacial, se reduzir o conceito de imagem acústica a uma impressão psíquica do som, apenas. Essa

redução conceitual interferia muito na não aceitabilidade de seus elementos lingüísticos como signos, já que a Libras é uma língua(gem) sem a dinâmica acústica da palavra.

No entanto, Castellar de Carvalho (2003) dimensiona o significante a uma idéia de plano de expressão (plano físico), assim, a parte perceptível do signo, a exteriorização material da “langue”. Nessa via, as representações espaciais realizadas pelos surdos, ademais de conter conteúdo sintático-semântico têm a sua impressão psíquica através da dinâmica ou forma dos movimentos gestuais.

Essa maneira de se entender o significante, na Libras, associa-se, inseparavelmente, o significado, do mesmo modo da língua oral, o “significante corresponde não apenas a imagem acústica, mas também à estrutura espaço-visual do vocabulário (representado por um gesto codificado)” (FERNANDES, 2003, p. 26).

O lingüista norte-americano William Stokoe, em 1960, EUA, principia as pesquisas lingüísticas na língua de sinais norte-americana e descobriu nela um plano discrepante que marca a estrutura desse sistema lingüístico.

As lingüistas Eulália Fernandes e Ronice Muller Quadros, se divergem em nomenclaturas e conteúdos alusivos à descoberta de Stokoe. Contudo, as duas concordam que a estrutura identificada pode ocorrer no plano fonológico. Fernandes (2003, p. 40) classifica a fonologia da língua de sinais de querologia (que significa movimento das mãos e do pulso). Já Quadros (2004, p. 48) designa de quirologia (do grego mão).

Para a primeira, “a querologia é representada pelos queremas, através da articulação dos sinais”; a segunda define a quirologia o estudo das combinações desses sinais, e ao quirema alude “as unidades formacionais dos sinais”.

As características desse sistema (querema ou quirema) descreve Fernandes em quatro parâmetros, três unidades propostas por Stokoe e um, mais tarde, por Battison: Configuração, localização do sinal, movimento das mãos, orientação da palma da mão. Para Quadros (2004), esses quiremas não carregam significados, isoladamente, se compõem de: Configuração de mão (CM), locação de mão (L) e movimento da mão (MA).

A localização ou locação da mão possui um sinônimo chamado de ponto de articulação. As duas não citam que o terceiro parâmetro subdivide-se em sinais com ou sem movimentos. Por exemplo, os termos “cadeira” e “sentar” são semelhantes na configuração e no ponto de articulação, mas o substantivo tem movimento (duplo) e o verbo, não. No verbo o que há é uma aproximação da(s) mão(s) fixando-se uma sobre a outra.

De certo, outros universais lingüísticos do idioma visogestual ganham notoriedades, a saber: a sintaxe espacial, o sinteticismo, a morfologia, destacando-se a iconicidade (representação das palavras), a soletração rítmica; o ambiente semântico pragmático, traços que podem aperceber pelas expressões faciais e corporais, pela lentidão ou rapidez dos signos, a presença de expressões e locuções idiomáticas, metáforas, etc.

A regra de organização e funcionamento da Libras diferem-se totalmente da língua oral-auditiva brasileira. Seu sistema lingüístico reúne fenômenos estruturais de outros idiomas, isso serve para assegurar seu “status” lingüísticos como língua natural.

A começar pela falta dos verbos copulativos “ser” e “estar”. Esse fenômeno gramatical/mental pressupõe implícitos os verbos de ligação, uma conexão lógica que não precisa ser explicitada, que por extensão são inexistentes na construção frasal dos surdos na escrita.

Tal fato lingüístico acontece na língua árabe. Na revista *Língua Portuguesa*, Luis Jean Laund revela que para o árabe os verbos de ligação são inexistentes. Conforme o artigo, “essa função copulativa do verbo ser (e seu desdobramento verbal, o estar) é particularidade das línguas indo-européia.” (2006, p. 57).

As línguas sinalizadas tendem a um pensamento/comunicação por associação imediata. Laund (2006, p. 58) define a associação imediata como “um complemento natural da ausência do verbo ser.”

Em Libras a frase “casa bonita” denuncia a elipse verbal. A forma de pensamento, desse instrumento lingüístico, evidencia enlaces lógicos de um conjunto fraseológico sintético direto. Neste exemplo “amanhã certo interprete Jéssica escola” fica subentendido o verbo “estar”, mentalmente marcado na observação de qualquer interlocutor.

O aspecto sintético direto não se restringe somente aos verbos copulativos, vale em alguns casos de locução verbal da língua portuguesa: “oi você pode direto escola”, a supressão do verbo ir.

Quando usado numa locução ou individual, o verbo “ir” ratifica algum anunciado, mas se apresenta tão-somente nas 1ª e 3ª pessoas do singular, constituído pela soletração rítmica: “Você retiro **v-a-i**” ou “Claro, comprar **v-o-u!**”. Ele pode sinalizar marcação sintática: com movimento, é feito o sinal convencional “na igreja **ir**”, mantém a estrutura do infinitivo; ou sem ação de movimentar-se de um lugar para o outro, nesse caso, a soletração.

Na revista *Mente & Cérebro*, Jeans Lubbardek (2006, p. 81) avalia que em língua de sinais os surdos utilizam “a dimensão espacial para expressar relações entre sujeitos e objetos”.

O objeto pode ser incorporado aos verbos. O sinal para “cair” muda conforme o comportamento verbal, o alvo do queda: pessoa, papel, fruta, avião. São expressas de formas diferentes. Para ele as línguas de sinais são muito econômicas, não é necessário num discurso (direto ou indireto) referir as pessoas do enunciado duas ou mais vezes, basta indicá-las numa posição e permanecerá nela enquanto durar a conversação.

Sueli Fernandes, em *Discutindo Língua Portuguesa*, assevera: “na LIBRAS esses aspectos são marcados discursivamente, em mecanismos espaciais, e não por meio da morfologia ou da sintaxe.(...) Assim, em um enunciado que envolve o verbo “olhar” é a orientação da mão que indica o sujeito e o objeto da oração, por exemplo. (2006).

Outro fato gramatical surpreendente vale-se na questão do gênero. O vernáculo dos surdos só indica o gênero da palavra em referentes que tenham, literalmente, sexo (homem, mulher, macho, fêmea). Um critério que não se assenta na língua portuguesa.

Muitas expressões ou locuções idiomáticas não encontram equivalentes na língua oral. É o caso de “cara de papel” ou “falar velho”. Suas respectivas traduções podem ser “Você é muito fingido” e “Ele fala demais”, mas isso anula o raciocínio da expressão, que faz parte do *corpus* de gírias, provérbios e máximas da língua visual.

No idioma sinalizado, curiosamente, a noção do tempo ligado ao advérbio “nunca” é bem antagônica. Sua relação temporal revela um passado distante, em que uma aferição cronológica do tipo “fulano nunca me ajuda”, no sentido de jamais ter feito algo pelo reclamante. Ou num momento atual: uma ação circunstancial, sem o cálculo de feitos anteriores, importa a negação no presente.

Essa circunstancialidade mental se verifica na frase “beijar nunca zero(0)”. O falante do enunciado, um jovem surdo, de 20 anos, na verdade tem inúmeras experiências heterossexuais, o que invalidaria a sentença, pondo-a ao julgamento de inverdade, porém, a relação circunstancial do “nunca”, realçado pela presença do zero, restringe-se ao tempo presente.

A ação temporal equivale dizer no português “faz algum tempo que não beijo”. Tudo isso testifica que a organização gramatical/mental da Libras é um instrumento lingüístico organizado que se presta as mesmas funções da língua portuguesa e que é tão complexa quanto a língua oral.

Por derradeiro, a língua visual-espacial demonstra um leque para o uso do “não”, em comparando com o idioma português. Em todos seus usos, esse advérbio antecede-se aos verbos “não quero falar com ninguém”, “Não preciso disso”, “não comprei nada”.

Em Libras existe uma variedade de uso: incorporado, implícito e posposto ao verbo. O incorporado aos verbos sintetiza e/ou somatiza a ação com a negação, em um só signo, a saber: “não-ter”, “não-querer”, “não-poder”. Neste caso, o uso de hífen representa a unificação de dois termos em um único sinal.

A noção implícita reserva-se em sentenças como “casa comprar sem”, “falar sem”, “avisar 0”, neste ultimo a configuração utilizada em {Y} com o movimento do dedo menor para baixo e com o dorso da mão levemente jogado para trás, constitui um signo de negação. Dessemelhante à língua portuguesa em que os mesmos seguimentos equivalem-se às formas “não comprei”, “não falei com você” e “não me avisaram”.

A posição posposta aos verbos seria o uso mais comum, ocorrendo, também, em outras línguas, como no inglês, “copiar precisa não” “ficar casa ir não”. Nestes, à ação verbal não cabe o hífen porque há dois elementos lingüísticos em separado na construção da oração.

Toda predicação acerca da gramática particular da Libras não se objetiva levar à exaustão, visto o exíguo espaço e por não ser o objeto foco dessa pesquisa, no entanto ajudará a compreender o comportamento das conjunções como operadores de discurso.

Em regra, é comum para o público ouvinte – essa é a designação dada pelos surdos às pessoas não-surdas – definir os surdos como deficientes, sem qualquer construção de identidade, enquanto grupo social.

A inverdade dessa ótica cai por terra quando um modo de vida e interpretações relativas das coisas são apercebidas na aglutinação de membros das chamadas comunidades surdas.

Em princípio, lutar contra o estigma da correlação surdez e mudez, através da utilização do *slogan* “surdo-mudo, apague essa idéia.”, com um X sobre a palavra mudo, porque pejorativo seu enunciado para eles, é defesa sociocultural desse povo, está arraigado em seu entorno cultural, de forma a valorizar sua nomeação social (LAKATO, 1982).

A pessoa surda, semelhante a outro ser humano, possui demasiada complexidade, pois vai-se constituir de inúmeros aspectos antropológicos e, em cada passo, “decifrá-lo” torna-se um impulso a si mesmo.

O emaranhado que constrói essa comunidade fomenta uma sociedade que não se pode diminuir sua língua, a Libras – língua brasileira de sinais – ao julgamento de língua pobre, pelos ouvintes, decorrente da falta de conhecimento linguístico de seu idioma.

Ou mesmo, preponderar, erroneamente, a população surda, uma sociedade sem cultura, por causa de pouca investigação dos entrelaces constitutivos dessa massa social.

Entretanto, os conceitos de língua e cultura não se limitam a definições ínfimas. Para a Lingüística, a língua é um sistema abstrato de regras gramaticais (FERNANDES, 2003) ou um conjunto de signos abstratos presentes na mente humana e sua expressão de pensamento.

Esse sistema de códigos lingüísticos, compartilhado por membros de uma mesma sociedade, atende, e satisfaz todas as necessidades comunicativas de seus falantes.

Todas as linguagens naturais alçam *status* lingüístico, sem o crivo de “mais ou menos” língua. No entanto, essa verificação encontra-se tão-somente às línguas convencionais – as línguas orais, hierarquizando as línguas sinalizadas a condições de “menos” língua, quando não, a simples gestos ou mímicas.

Já para a Antropologia, “todas as pessoas, à medida que participam de grupos e da sociedade global, possuem cultura.” (LAKATO, 1982, p. 122), que independe do acúmulo de conhecimento teórico-acadêmico, mas, sim, de um “conjunto complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.” (ibidem, 1982, p. 122).

Nesse contexto somático de língua e cultura, depreende-se o indivíduo surdo imergido nessa complexidade, pois participa do mundo e inserto está num grupo maior que ele e que ao nascer já estava pronto para si, sua comunidade; não desprovida de cultura nem de língua, porém, tendo-as em outras estruturas.

De igual caráter afirmativo, os surdos buscam distanciar as inferências das nomenclaturas surdo e deficiente auditivo, de forma política, lingüística e cultural, distribuindo-as na apreciação, aceitação e apropriação ou não de seu universo social.

Surdo é aquela pessoa que, com surdez congênita ou adquirida na infância, assume uma identidade surda, num processo de endoculturação à linguagem e aos elementos culturais de uma determinada comunidade surda. Para ele, a língua de sinais é a língua primeira e natural; seu modelo social, quando criança, é o surdo adulto. Rejeita a visão clínica sobre a surdez.

O segundo, também com surdez congênita ou adquirida, se diferencia por negar a língua de sinais, segue um modelo cultural “ouvintista” (sofre influência da família e médicos, seu modelo social é a pessoa ouvinte), se comunica através da leitura orofacial e vive sob a ótica da deficiência.

Os surdos, portanto, formam uma organização social autêntica, em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados nos quais prevalecem as construções significativas de uma comunidade minoritária, que “passa pela mudança de paradigma da deficiência para o de minoria lingüística e cultural.” (KAUCHAKJE apud SILVA, KAUCHAKJE e GESUELI, 2003, p. 58).

As pessoas surdas compartilham traços culturais subjetivamente ligados. A exemplo disso, é comum a excitação de um dos membros de dada comunidade surda ao assistir preleções religiosas, seculares, educacionais realizadas por seus pares socioculturais.

Inclusive a assimilação dos conteúdos são muito mais rápido. Isso porque “os componentes da comunidade reagem com emoção mais aprofundadas às atitudes uns dos outros do que às dos elementos estranhos à comunidade.” (LAKATO, 1982, p. 257).

3. Sentido, Linguística Textual e Análise do Discurso

Neste capítulo buscarei me apoiar em conceitos basilares sobre algumas designações relevantes ao nosso estudo. A princípio importa saber em que área do conhecimento os conectivos interfrásticos estão relacionados. Mas nossa abordagem não se quedará ao seu campo de surgimento.

A ótica objetiva desse exame perpassará por seu território de averiguação, num ritual de passagem para engendrar os conectivos numa ciência paralela, já que são, por excelência, pervios elementos de discurso, terreno disciplinar onde discutiremos afincos a aplicabilidade dos operadores argumentativos.

Foi nos estudos de coesão textual que pude encontrar com mais clareza a denominação das expressões linguística (conjunções) em observação como conectivos interfrásticos. Tal matéria tem sido desenvolvida dentro da Linguística Textual. Este ramo da Linguística surge em 1960, na Europa, e se consolida no decênio de 1970.

Segundo Kock (2005, p. 7) "a Linguística Textual teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos..." Atualmente pode-se considerar que a "Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerando-o a unidade básica da manifestação da linguagem ." (KOCK, 2005, p. 11) (grifo nosso).

Como esse estudo envolve campos de saber com nuances discrepâncias, de quando em vez, a partir de uma palavra, em algum enunciado, de uma ou outra ciência, far-se-á uma dialética entre elas.

Assim, em Guimarães tem-se o "texto como uma unidade empírica com começo, meio, fim que deve ser pensado no processo discursivo como atravessado por várias posições do sujeito, sendo, também, uma dispersão de discursos". (GUIMARÃES, 2007, p. 13). Constituiu ainda o texto "a representação de uma posição específica do sujeito (a de autor) que procura criar a ilusão de unidade textual." (ibidem, 2007).

Enquanto a Linguística Textual toma o texto como unidade e objeto de estudo e os mecanismo coesivos e de coerência para a produção da tessitura, sendo os elementos de coesão pistas linguísticas e a coerência, parte interna e profunda do texto, através de vários fatores a garantir a unidade textual. (KOCK, 2005).

Já na análise do discurso, o texto não é a unidade de sua construção. Para esse saber científico "a unidade de construção do discurso é o enunciado." (GUIMARÃES, 2007, p. 13). Mas o enunciado alusivo ao texto no processo da elaboração discursiva para ser apreendido.

Dessa forma, "o texto é a relação de um conjunto de recortes discursivos" (ibidem, 2007), sendo o recorte um fragmento da situação discursiva. Podemos, também, entender que a situação-contexto acontece dentro de um espaço e tempo de enunciação. Ou seja, o aparecimento do enunciado surge internamente a um evento histórico.

Em Charaudeau e Maingueneau, concebe-se a enunciação "o pivô da relação entre língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos nos enunciados, mas por outro, constitui por si mesmo um fato, um acontecimento único e definido no tempo e no espaço" (CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004, p.193).

Os motes que mobilizam os fatos enunciativos não se voltam a repetir-se, mesmo que pelo mesmo enunciador, proferindo o mesmo enunciado, já que o tempo presente na primeira enunciação é um tempo frágil, e o presente tempo da segunda enunciação difere da do anterior. Ainda a rede de representações e conexões no tempo e espaço pode ser

divergente do primeiro ao segundo episódio de enunciação. Desse modo a linguística da enunciação está imbricada com a análise do discurso.

Embora a enunciação para Ducrot concorra em definir ser ela independente de qualquer autor (idem, 2004, p. 94), as diferentes posições do sujeito no texto (GUIMARÃES, 2007), um circuito interno que representa o lugar da organização do dizer, é construído pelo ato de enunciação do sujeito comunicante, inscrita na encenação do dizer (CHARAUDEAU, 2008) na condição de sujeito languageiro.

Ou seja, é lá que o sujeito enunciante constituiu sua identidade enunciativa de seres psicossociais que se diferem a si mesmo segundo os papéis a que são levados a assumir em ato de linguagem em duas instâncias, a situacional e a discursiva.

Na intertextualidade de conceitos, trataremos o sujeito languageiro como locutor e enunciador; e o Outro – a quem projeta-se uma fala –, alocutário e/ou interlocutor.

Dispensio pormenores do eu/tu na dispersão como emissor, autor, narrador, autor modelo, receptor, ouvinte, destinatário, narratário.

Para Ducrot, o locutor "é um ser que no próprio sentido do enunciado, é apresentado como ser responsável e o enunciador, um ser de pura enunciação, que determina o ponto de vista a partir os acontecimentos são apresentados" (in, CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004, p. 310). Já Guimarães determina locutor "aquele que se representa com eu na enunciação ...figura constituída internamente no discurso" (2007, p. 21).

Nesse contexto, abre-se parêntesis com fim didático e reflexivo, para iniciar a extensão dessas teorias à Libras. Se um surdo, em um restaurante, no ato da linguagem diz "TER S-U-CO MARACUJÁ?", será percebido do seguinte modo: (i) se constituiu como sujeito comunicante-consumidor; (ii) ao escolher esse sintagma para expressar-se, ele se instituiu como sujeito enunciante (enunciador) questionador, transmite ao seu alocutário uma demanda do dizer (informa algo sobre a coisa de que se fala); (iii) a essa demanda, seu interlocutor interpretará do dizer como uma "demanda do fazer". Nesse momento, tenta agir sobre o interlocutor e mesmo sobre o mundo circundante que o atenderá até mesmo sem responder (CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004).

Tal atividade discursiva apresenta o enunciador um "ordenador de atos", ainda que de forma subliminar. Portanto, pode considerar-se os enunciados como atos, "admitir que eles são realizados para agir sobre os outros, mas também para levá-los a reagir." (idem 73). Assim o dizer é um fazer fazer.

Já que falamos a despeito de o Outro, vamos entendê-lo na relação contratual do discurso. Esse sujeito está sempre presente no discurso, ainda que virtual, é quem completa o dizer do Eu. "Ou seja, o que digo não é completo, parte do seu sentido está no que os outros dizem e vice-versa." (ORLANDI, 1984, apud GUIMARÃES, p. 14). Ainda, "a unidade mínima da língua é o dialogo e não um enunciado isolado" (VOLOSHINOV, 1976, idem, 2007, p. 20).

Pode assegurar-se que o Outro é estruturado como o Tu no discurso, ou sujeito alocutário, "o alocutário é o Tu do discurso, representado enquanto correlato do locutor pelo próprio locutor" (ibdem, 2007, p. 21). Guiado pela forma supracitada – TER S-U-C-O MARACUJÁ? – o alocutário (Tu) se transforma na instância do Eu-interpretante, a quem se atribui a demanda do fazer, imbuindo-o da responsabilidade do fazer fazer, por ser um par adjacente, formula um ato re-ativo (CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004).

Contudo, para que todas as ações aconteçam, faz mister construir sentidos no interlocutor, e não somente significado. A partir dessa percepção cuidarei de alinhar outros termos patentes à análise do discurso.

Para exordiar qualquer discurso, os membros da relação contratual precisam reconhecer dada identidade discursiva, para que aquilo que o *eu* diz faça sentido no "Outro-*tu*". Nessa noção, mistura-se o posicionamento do *eultu*, cuja designação na Linguística Textual recebe o nome de aceitabilidade, "quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor(res)..."(KOCK & TRAVAGLIA, 2004, p. 98).

Apreende-se o sentido como efeito produzido por um conjunto polifônico de múltiplas consciências envolvidas em um ato discursivos ou mesmo as múltiplas sub-consciências do dizer/fazer, imiscuídos nas enunciações. Guimarães relata que "os sentidos de um recorte enunciativos são os efeitos, representados nos enunciados de sua própria enunciação " (2007. p. 19).

Só que os sentidos produzidos no projeto de fala podem ou não encontrar equivalências psicossociais de sentidos no Outro, já que os fatores diversos mobilizados em *eu* distanciam-se, em menor ou maior graus, na receptividade do *tu*.

"Mas falar de comunicação humana é também falar de sentido, construído na comunicação, já que é preciso postular que a linguagem cria

sentido(...)o sentido está voltado, antes de tudo, para os parceiros do ato de linguagem... e ao mesmo tempo constrói representações sobre o mundo.” (CHARAUDEAU, in MARI, MACHADO e MELLO, 2001, p. 12).

As enunciações geram eventos discursivos, onde conferem os enunciados preenchidos pela subjetividade do sujeito falante. Este usa a argumentação com desejo de motivar sentido no seu interlocutor, e o sentido com finalidade de promover efeito no alocutário, com o resultado símil à sua argumentação, instância que incorre no ínterim de uma situação aferida por combinações linguísticas moduladas por si (eu) para o Outro (tu).

O sentido se constrói no subentendo do dizer do dito e não no dito. Que se diga em Libras, numa saudação, "SAÚDE B-E-M?!" ou em um seminário faça-se uma palestra, tendo-a como língua de instrução, há "sob a aparente tranquilidade das palavras, um turbilhão de significações implícitas." (idem, 2001, p. 13).

Agora, para que o texto alcance seu objetivo, o locutor necessita de estratégias discursivas que confluem em direção à sua orientação argumentativa.

4. Argumentação e Discurso

A priori, precisamos assimilar o conceito base, comum a todos, acerca de argumentação, para mais adiante inserir asserções mais profundas. Dessa ótica pedagógica, lê-se na revista *Língua Portuguesa*: "um argumento é a razão a favor ou contra de determinado ponto de vista" (FIORIN, 2009, pp. 46 e 47).

Dessa razão como argumento, um saneamento semântico leva-nos a "estabelecemos sentidos ao fazer seleção e combinação de palavras" (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 21), por cumprir um papel na interação discursiva.

Assim, as pistas, as marcas, e outros ingredientes presentes em um projeto de fala são estratégias argumentativas a serviço de um projeto de sentido; haver mister persuadir por uma armação discursiva na organização textual sobre o Outro.

Todos esses construtos corroboram para progressão textual "por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma serie de marcas linguísticas através da as quais se estabelecem entre os enunciados que compõem no texto determinados tipos de relação" (KOCK, 2005, p. 60).

A essa sucessão textual pode destacar que "o encadeamento permiti estabelecer relações semânticas e/ou discursivas" (idem, 2005, p. 66). Na ordenação tácita ao texto é que podemos compreender a sequenciação frástica. E o desenrolar do texto deve-se a organização textual adjacente, que, por sua vez, "tem como um de seus fundamentos a orientação argumentativa (...) assim as hipóteses sobre a orientação argumentativa e as representações dos sujeitos da enunciação (...) são explicativas de aspectos da organização local do texto" (GUIMARÃES, 2007, p. 17). Assim, nada no discurso é estanque, sempre há conexão que vai fomentando o ato de linguagem.

Ainda em Guimarães "orientar argumentativamente é, assim, conduzir incessantemente o texto para o futuro (idem, 2009, p. 209). Dessa esteira, veremos no próximo capítulo como que a seleção de certa conjunção, ainda que de uma mesma categoria argumentativa, intradiscursivamente, contém uma relação de significância superior à outra.

Prova-se isso em ter na escala e o grau de argumento a que ela se presta num enunciado a "função argumentativa, isto é, orientam os enunciados em que figuram para determinadas conclusivas." (KOCK, 2005, p. 61)

Mais: "as relações de orientação argumentativa indicam um futuro textual...se dá como exigência de futuridade do acontecimento." (GUIMARÃES, 2007, p. 209). As proposições contidas nos enunciados, articulados pelos conectivos interfrásticos e demais pistas, fundam uma direcionalidade a uma conclusão.

Vimos os estornos à argumentatividade. Volveremos ao conceito de argumentação propriamente dito. "Argumentação na via aberta por Ducrot, é uma relação da linguagem, uma relação de significação" (in GUIMARÃES, 2009, p. 209).

E argumentar é agir sobre o outro, influir sua ideologia de mundo – não o cosmo, mas o abstrato –, no Outro. Por conseguinte, um argumento é um enunciado que ao ser dito, por sua significação leva a uma conclusão (uma outra significação). Mais especificamente, "argumentar é dar uma diretividade do dizer." (idem, 2007, p. 209).

Esse movimento de adução tão natural o é em Libras, assim como em outras línguas. Parece-me, sobretudo, que em língua de sinais do Brasil, os operadores

argumentativos, neste exame, as conjunções, sofrem a ausência de estudos. No entanto, nada impede de associá-los a estudos genéricos existentes, e os conectivos interfrásticos eleitos para averiguação, configuram-se fortes marcadores discursivos e ingentes agentes de orientação e estratégias argumentativas na estruturação do discurso.

Invoco novamente Guimarães. Para ele (2007, p. 124), no plano geral "a argumentação é vista como a busca de persuasão de um auditório (alocutário) pelo locutor." Mas, o enunciado argutivo organiza estrategicamente sua proposição, não a partir do autor, porém, doravante o alocutário. "Ou seja, a representação do alocutário constitui o próprio modo de argumentar". (ibdem)

Podemos agora aportar na simbiose argumentação e discurso, via a orientação argumentativa, cuja saliência está em apresentar seu conteúdo, "neste sentido orientar argumentativamente é apresentar A como sendo o que se considera como devendo fazer o interlocutor concluir C". (ibdem, p. 25).

Para tanto necessitamos precisar as anotações científicas a respeito do que é discurso. Esta disciplina "estuda a linguagem como atividade ancora em um contexto e que produz unidade transfrástica". (CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, 2004, p. 44). Por esse viés, para Maingneau, a análise do discurso "deve pensar o dispositivo de enunciação que associa uma organização textual e um lugar social determinados." (idem).

Por assim dizer, a formação discursiva para a seleção das conjunções correlaciona-se ao público, ao tema, ao assunto, as possibilidades do dizer, e evolui à situação de comunicação e as formas de poder dentre as classes sociais, sexos, idade.

Isto é, a força argumentativa inserta em uma conjunção e/ou conectivo varia conforme (i) o avanço discursivo, (ii) consoante ao gênero discursivo. Por isso os discursos inscrevem-se em contextos, perseguindo-os pelo encadeamento de razões, ideologicamente sensíveis, para efeito de sentido como um posicionamento ideológico do locutor. O efeito é maior e posterior ao sentido produzido no discurso. É a reação do *tu* frente o *eu*.

Por essa assertiva, apercebemos que o discurso é orientado. "Ele é orientado não somente porque é concebido em função do propósito do locutor, mas também porque ele se desenvolve no tempo. O discurso se constrói, com efeito, em função de um fim, considera-se que vai chegar a uma parte." (ibdem, p. 170).

A direcionalidade discursiva para Ducrot torna essencialmente demarcada, delinea que o discurso "é fundamentalmente orientado, inscrevendo uma orientação argumentativa

nas próprias unidades das línguas.” (ASCOMBRI e DUCROT, 1983, CAROL e DUCROT, 1989 in CHARAUDEUA et MAINGUANEAU, p. 170).

Posso antecipar algo sobre os gêneros discursivos da Libras pesquisados para concordar com as explicações supracitada, a modalização discursiva sobre a caracterização argumentativa dos conectivos interfrásticos foram opulentas estratégias, ancoras na relação entre o projeto de fala e a finalidade dos discursos.

Segundo Guimarães (2007, p. 13) "a unidade de construção do discurso é o enunciado", mas o próprio discurso é já uma unidade de análise, porque "o discurso é uma unidade linguística constituída de uma sucessão de frases." (idem, p.168). Essa sequenciação de frases configuram o texto, "desse modo o texto é relação de um conjunto de recortes discursivos" (GUIMARÃES, p. 13).

O dialogo é a unidade da língua. Para que se haja um fluido dialógico, os sujeitos da linguagem reais ou virtuais reconhecem o estatuto do Outro. Para isso, estabelecem regularidades. Essa regulação "instaura práticas nos quais os membros de uma mesma comunidade cultural se reconhecem" (CHARAUDEAU, apud, MARI, MACHADO e MELLO, 2001, p. 11).

A língua como convenção social de uma dada sociedade, tal qual possui uma regularidade, cuja conectividade faz um recorte enunciativo ou uma estrutura oracional a ser aceita ou ignorada pelos sujeitos falantes. Logo, o fato enunciativo relaciona-se à aceitabilidade do sujeito falante e que se dê no espaço das regularidades. "Deste modo, uma regularidade pode ser explicativa de fatos diferentes, e fatos semelhantes podem ser explicados por regularidades diferentes." (GUIMARÃES, 2007, p. 17).

O motivo de se esclarecer acerca de regularidades, justifica-se, a posteriori, quando nos gêneros discursivos, opto em observar não as conjunções em enunciados estanques, dando-lhe esse ou aquele caráter argumentativo, porque se tomasse esse caminho destacaria a regularidade linguística do marcador discursivo, e nele apresentaria seu funcionamento, afluindo no item X, como por exemplo o “também” que serviu aos três gêneros, seria desvinculado de sua força argumentativa e orientação em cada discurso, e tão-somente teria um olhar para sua função unívoca. Ou seja, o funcionamento no nível de organização textual.

Entretanto, considerei melhor, aclarar fatos semelhantes em que seu evento discursivo se sucede por regularidades linguísticas diferentes, que alteram as orientações argumentativas. Nesse horizonte, importa saber como a conjunção X, nos gêneros dos

discursos, no uso pelos sujeitos, se caracteriza como operador argumentativo no gênero, seu comportamento nas enunciações.

Quero dizer: no cruzamento dos fatos enunciativos é que, investidos de força e orientação argumentativa, e servido-as, os conectivos interfrásticos incidem para além do texto e do discurso; pela trilha conjuntiva a argumentação alcança uma dimensão social e psicossocial.

Quero deixar claro que o que se pretende aqui é investigar o espírito do homem, não suas crenças, posicionamentos, ideologia diante e alusivos aos conteúdos e temáticas percorridos.

Procurei ser o mais isento possível nas pressuposições e hipóteses a que me aportei, visto que na dimensão social sou engajado pessoalmente nas três esferas de discursos com a comunidade surda. Entretanto, torno minha as palavras de Halliday "a meta última do analista do discurso é explicitar e interpretar ao mesmo tempo a relação entre as regularidades da linguagem e as significações e as finalidades expressas por meio dos discursos" (HALLIDAY, in NANUM, apud CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, p. 44).

O percurso que desenho me faz perceber, então, o grau argumentativo que preenche o "mas" para diversas conclusões. Poderia usá-lo simplesmente para uma função determinada, segundo um propósito, e conforme a força argumentativa, guio-me em certa conclusão.

Todavia, para os experimentos linguísticos realizados nesse exame, utilizo o procedimento avaliativo de hipóteses, observando fragmentos dos gêneros discursivos contextualizados, já que "o recorte é uma unidade discursiva. Por uma unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. O recorte é um fragmento da situação discursiva." (ORLANDI, 1984, in GUIMARÃES, 2007, p. 13).

Nos recortes enunciativos têm-se uma razão de ser, saberes, valores atribuídos neles. Nos fatos discursivos, "a noção de sujeito, e sua diversidade de representação, passa pela sua relação com o mundo. Por conseguinte, os enunciados podem marcar diferentes posições do sujeito no texto" (idem), a que se chama de subjetividade do sujeito da linguagem.

A subjetividade nada mais é que "capacidade do locutor de se posicionar como sujeito (...) é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito." (BENVENISTE, in CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, 2004, p. 456).

No discurso não há subjetividade sem intersubjetividade. “Ou seja, o que digo não é completo, parte do seu sentido está no que os outros dizem e vice-versa.” (GUIMARÃES, 2007, p. 14). O efeito do sentido no Outro testifica o sentido proposto pelo *eu* a construir-se nele.

Na inscrição subjetiva do sujeito à língua que o usuário da Libras figura-se no paradigma do sujeito languageiro, para a seleção e combinação de elemento(s) lingüístico(s) e não de outro(s).

Quando os três enunciadores surdos lançam mão da linguagem, propõem a persuadir e/ou convencer alguém de algo, focalizam relação semântico-discursiva nos operadores argumentativos, numa forma de ação sobre o Outro; a seleção dos conectivos fazem pelo seu poder de escolha e manipulação da língua, adquirido na competência discursiva, no direito à palavra.

Logo, “a competência semiológica exige de todo o sujeito que comunica a aptidão para manipular-reconhecer as formas de signos, suas regras de combinação e sentido.” (CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, 2004, p. 120). No domínio do discurso, a aptidão ao assunto e a formação discursiva favorecem a performance do locutor em determinado gênero.

O locus comunicacional – o gênero – é o aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, in CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, 2007, p. 250). Desse pressuposto, pode-se conferir o gênero como “pólo do ato de comunicação, de onde as produções textuais são orientadas em direção ao auditório.” (ibdem)

Para Bakhtin (in, ibdem), “os gêneros dependem da natureza comunicacional da troca verbal, o que lhe permite distinguir duas grandes categorias de base: produções naturais (aquelas da vida cotidiana), e produções construídas, institucionalizadas (aquelas elaboradas)”. O embasamento analítico de minha pesquisa ateará a última categoria.

5. Gêneros Discursivos em Libras

Mediante a perspectiva anterior delinearemos, estudaremos as enunciações com as conjunções em Libras e sua relação discursiva nos gêneros social, acadêmico e religioso, nessa ordem.

Nesse ponto, “a totalidade dos enunciados de uma sociedade, apreendida na multiplicidade de seus gêneros, é convocada a ser objeto de estudo.” (CHARAUDEAU et MAINGUENEAU, 2004, 46).

Busco, neste capítulo, tratar os aspectos semântico-discursivos das conjunções, com maior acuidade, principalmente, naquelas com carga argumentativa mais forte para estabelecer orientação argumentativa e afetam a conclusão.

Primeiro é preciso dizer a esquematização do estudo. Na Lingüística Textual temos a sequenciação como fato de análise, preenchida com tema e rema, vista aqui como recortes enunciativos para a análise do discurso.

Mas encontrar onde se inicia uma sequência e onde termina a sequência em língua de sinais foi algo muito árduo. Isso porque se vê incomum a demarcação desses atos lingüísticos nesse idioma, visto que as pesquisas sobre a “pátria idiomática” dos surdos se debruçam nos níveis fonológico, morfológico e sintático, e de interlinguagem.

Para nossa abordagem semântico-discursiva proponho, e ousou, recharacterizar os recortes da Libras, batizando-os de plano de fala. Nomeação dessemelhante ao projeto de fala, onde se investe de intencionalidade, e tal ocorre também no interior do plano de fala em Libras.

O plano de fala em Libras acolhe o projeto de fala, o tema e o comentário a sequenciação de um enunciado, a regularidade composicional, porém, sendo mais complexas do que um simples período.

Ela é responsável pela relação entre proposição e a direção discursiva e sua relação com as marcas não-manuais, temporalidade simultânea e sintaxe espacial da Libras e mais a subjetividade do sujeito surdo. Dela pode-se presumir o começo e o término de enunciados em Libras, sem as prerrogativas de marcações pontuais maiúsculas e de pontuações ortográficas.

Além disso, para coordenar o trabalho, nossa reflexão se fará em torno dos planos de fala articulados pelas conjunções *mas*, *como*, *então*, *só...não*, *também*, *porque*, *s-i* e *+*. E dentre elas, identificar as oposições de forças argumentativas.

Também para ordenar os fatos discursivos na escala argumentativa e o grau (inferior e superior) das conjunções, segue-se uma classificação crescente de força argumental, a saber: *mas*¹ (*m-a-s*), *mas*², *mas*³ (= *barreira*), *como*¹, *como*² (*c-o-m-o*) *porque*, *então*, *s-i*¹, *s-i*².

No esquema elaborado, de um lado busco encontrar onde elas se opõem; de outro, uma abordagem textual nos gêneros, na fórmula de agir que encadeiam.

Ainda inaugurar o “+” como possível conectivo. Vou incluí-lo na função e categoria de conjunção, por perceber que atua no texto na mesma caracterização dessa categoria, já que essa abordagem é enunciativa; também procuro inaugurar a leitura de “*só...não*” em Libras em sequências onde indicam um caráter aditivo e argumentativo, opondo-se ao “*não*” e “*só*” na convenção lingüística dos surdos.

Faço minha, neste percurso instigante, as palavras de Guimarães (2007, p. 11): “esperamos que a observação de alguns aspectos, numa maior extensão, seja reveladora(...) ao mesmo tempo abrirá a perspectiva para abordagem de um maior número de sequências textuais, para os que quiserem utilizar os resultados desta análise.” do plano de fala em Libras.

5.1. Gênero Social

Em princípio revelo o tema do gênero, Sociedade Inclusiva. Isso para que possamos conhecer a que foco está associado o plano de fala do locutor. Descrevo em caixa alta todos os recortes discursivos do locutor. Persigo com explicação as estratégias e orientação argumentativas na relação de sentido do enunciador do discurso. Notifico em parêntesis os referentes não presentes.

Planos de fala:

(1) PESSOA PRECISA IR (várias) MAS¹ (m-a-s) TER DIFÍCIL PESSOA NÃO CONHECER NADA.

Das três possibilidades de ser ter uma conjunção adversativa, para expor em Libras a contrariedade, a que menor força conjuga é *mas¹ (m-a-s)*. Sua própria estrutura é distinta das demais, depende de uma segmentação de soletração rítmica *m-a-s*, enquanto que os dois outros *mas* já são arbitrários como palavras convencionais do idioma visual.

O conectivo *mas¹ (m-a-s)* possui uma função opositiva, mas não argumentativa, quero dizer, não estabelece orientação argumentativa. O fato enunciativo coloca duas frases contrárias entre si, porém ainda o locutor está apenas apresentando objeções sintático-semânticas do direito e desrespeito às pessoas com deficiência na sociedade.

O grau de significação é pequeno para argumentar, porém contribui para o encadeamento frástico e à progressão textual. Sua baixa escala argumentativa, entretanto, faz abertura a adição de idéia na construção de sentidos no recorte (2) onde se figura *mas¹ (m-a-s)* e *também*.

(2) EL@ (SURD@) DIFÍCIL LER ESTUDAR MAS¹ (m-a-s) VOCÊ (OUVINTES)
TAMBÉM DIFICULDADE LIBRAS.

Há uma suave diferença de estratégia de relação no plano de fala (2). O locutor para convencer seu interlocutor de que as diferenças sociais são fatos naturais e não específicos da sociedade, não refuta a idéia de ter dificuldade, mas adere-a, porém, exhibe no comentário no enunciado a mesma dificuldade de aprendizagem quando se inverte a língua e quem aprende. Modaliza a orientação argumentativa a uma conclusão a favor de seu argumento, advinda de dois pressupostos de igual força argumentativa.

Para *mas¹ (m-a-s)* e *também* os argumentos em A e B, enunciados, funcionam igualmente. O apenas dizer “mas o ouvinte não sabe Libras” não representaria isso como argumento de seu discurso, já o desdobramento com *também*, significando “mas também como eu não sei o que você sabe, você não sabe o que eu sei”, define uma segunda direção argumentativa. A articulação com *também* equipara a força dos argumentos.

(3) PESSOA TER MUDAR VIDA TER DIFERENTE IR OS CEGOS BATER-
CABEÇA S-I²

A conjunção “*s-i*”, estruturado na soletração rítmica, possui uma grande afinidade de sentido entre os conteúdos. Há um enunciado condicionante e um enunciado condicionado, numa relação lógico-semântica. A condicionalidade “expressa-se pela conexão de duas orações, uma introduzida pelo conector *se* e outra pelo operador *então*, que geralmente vem implícito, o que se afirma neste tipo de relação é que sendo o antecedente verdadeiro, o conseqüente também o será.”(KOCK, 2005, 68).

A fórmula causa/consequência se apresenta da seguinte maneira “*se p então q*”, em que a verdade do primeiro enunciado, reflete-se no segundo, mas se esta condicionalidade for gramaticalmente direta.

No entanto, o plano de fala (3) onde figura o *s-i²*, o locutor desloca-o à direita, no final da frase, e estabelece outra relação de semântica, pois ao ser desviado para o final do enunciado, irrompe grau máximo de argumentação e mostra o posicionamento ideológico do locutor contra a estrutura social hodierna, e o desejo subjetivamente marcado em desconstruir o sistema excludente.

Sua perspectiva de orientação argumentativa é conduzir o alocutário a reflexão da necessidade de mudança na sociedade. Nessa regularidade enunciativa, há o apagamento da lógica semântica de “*se p então q*”.

Como condicionante indireta torna possível verificar a verdade da condicionante não está ligada à situação de condição, pois essa verdade é um argumento que o locutor como sujeito no mundo transgride.

O *s-i²* tem um caráter iminentemente interrogativo, propondo uma conclusão de inverdade o argumento do primeiro enunciado. Sua força argumentativa recai na estratégia de conduzir o alocutário a refletir, à re-ação. Na verdade, o pressuposto argumentativo é a própria caracterização interrogativa.

(4) TAMBÉM A SOCIEDADE TER INCLUSÃO RELAÇÃO E AMIZADE.

(5) SURDO OUVINTE RELAÇÃO MELHOR TAMBÉM SURDO PRECISA INCLUSÃO TRABALHO.

Nos recortes (4) e (5) o conectivo opera na evolução de idéias. Organiza no texto o encadeamento sucessivo e sua progressão textual, mas com apontamentos positivos nas sequências. Trabalha para a futuridade do texto, com argumentos mais brandos para a significação onde se quer chegar.

(6) ANTES CONHECER NADA AGORA ENTENDER C-O-M-O² (? = marca não-manual).

No limite da frase o *como*² (*c-o-m-o*) simula uma pergunta, realmente esse fato se percebe na expressão facial. Mas a interrogação ultrapassa o limite da sentença. Ocorre um desvio da argumentação do enunciado lingüístico para a marca não-manual, não total.

Isso se estabelece (i) força-tarefa entre a forma soletrada *c-o-m-o* e a marcação facial, (ii) a interrogação vira apenas um instrumento de estratégia argumentativa para inibir o interlocutor, (iii) o argumento está na conexão entre o dito e o pressuposto do dizer, (iv) busca na relação sinal/expressão facial a articulação para gerar o efeito de sentido no alocutário, parece de igual modo onde *p* e *q* é verdadeiro porque sendo singularidade de vida (subjetividade do locutor) verdadeira, a verdade coletiva que todos os surdos ao adquirir a Libras como língua primeira são capazes.

A posição do locutor é orientar a pessoa no evento da enunciação, para compreender que “aquele surdo que tem a Libras como língua materna, agora tem poder”. Desse modo, o grau de argumentação investida nesse operador faz-se superior ao *como*¹, pois na relação discursiva o *como*² (*c-o-m-o*) funciona como marcador argumentativo.

(7) ...PORQUE AGORA MUDAR CRESCE.

(8) SURDO OUVINTE IGUAL SURDO SABE LIBRAS OUVINTE SABE PORTUGUÊS.

Apesar de haver só dois recortes com a conjunção *porque*, a incidência ocorre mais de quatro vezes. E apesar de ser um operador lógico-semântico, neste gênero social, o utente faz da expressão uma estratégia discursiva para orientar argumentativa a conclusão. Já que nesse elemento cabe a proposição de justificar, o locutor o tempo todo o utiliza para inculcar uma conclusão: na sociedade inclusiva somos sujeito-sujeito.

A relação semântica prevista na articulação de razões é apresentada no encadeamento discursivo pelo conectivo interfrástico *porque*, para o sentido de potencialidade e competência igual entre os dois grupos de pessoas.

Para tanto, mais do que nos outros gêneros, a significação explicativa e justificativa de *porque* orienta argumentativamente para “sendo o surdo humano, é capaz”.

(9) SÓ DUAS COISAS NÃO PRÓPRIO CADEIRANTE ELEVADOR FALTA QUE? CEGO BRAILE, PRÓPRIO INTERPRETE SURDO, + CADEIRANTE ELEVADOR, + CEGO CHÃO BORRACHA

Nesta análise procuro apreender a semelhança semântica desse elemento com semântica de conjunção *e*, tanto que figura de igual modo na superfície da frase.

Há transposição semiótica e de função neste sinal +. Até pouco tempo utilizado como partícula de soma numérica, produto matemático. No entanto, a transposição semiótica marcada no tempo histórico, transforma um conectivo em um operador que reúne argumentos de mesma força.

A hipótese dessa transposição semiótica provoca a recategorização do item +. Na relação semiótica dos códigos lingüístico e matemático, o + está a assumir um empréstimo na comunicação diária no papel exercido por ele na regularidade enunciativa.

Esse batismo lingüístico ocorre, provavelmente, porque as formas já existentes no sistema da Libras não eram satisfatórias, e deu-se segundo a função que a expressão exerce no discurso.

5.2.Gênero Acadêmico

Planos de fala

(10) DOLET ESCREVER QUE? COMO¹ TRADUÇÃO BOM PERFEITO

(11) P-A-R-A-F-R-A-S-E EXPLICAR COMO¹ TRADUÇÃO CAMINHAR SENTIDO

(12) COMO¹ TRADUÇÃO AQUI (OBJETO NÃO PRESENTE).

A informação opulenta no uso dessa conjunção *como*¹ em estruturas sintáticas espaciais, está na relação de modo estabelecida, “por meio da qual se expressa, numa das orações, o modo como se realizou a ação ou evento contido na outra.” (KOCK, 2005, 71), diferindo-o do *como*² (*c-o-m-o*).

Evidencia-se um fato relevante, o uso de *como*¹ ocasiona-se ao fulcro educacional do sujeito enunciador, pois o *como*¹ associa-se a um nível superior de discurso.

Nos enunciados (10), (11) e (12) o conectivo apresenta relação de conformidade, porque “expressa-se pela conexão de duas orações em que mostra a conformidade do conteúdo de uma com algo asseverado na outra.” (ibdem).

A comprovação de sua logicidade semântica verifica-se na oposição com o *como*²(*c-o-m-o*) do recorte (6), “visto possuírem, por convenção, funções bem específicas, eles não podem ser usados sem respeito a tais convenções.” (idem, p. 77).

Essa regularidade opõe *como*¹ de *como*²(*c-o-m-o*). Assim, “se seu emprego estiver em desacordo com sua função, o texto parecerá destituído de seqüencialidade, o que dificultará sua compreensão (...)” (ibdem)

(13) APRESENTAR QUE CAMPO DISCIPLINAR, EXPLICAR QUE TAMBÉM COMO TIPO FORMAÇÃO PROFISSIONAL, TAMBÉM CONHECER COMO COMPETÊNCIA.

A totalidade de significação compreendida pelo locutor representa o grande princípio de construção de texto. O enunciado (13) prova isso. A habilidade do locutor mostra na segmentação complexa do enunciado a mudança de orientação argumentativa no plano de fala. Neste gênero, na construção do discurso tem-se como alcance na organização textual uma perspectiva futura de acréscimo de idéias.

O dispositivo *como*¹/*também* funciona no alcance catafórico de pressuposições e anafórico de assunto. Corresponderia dizer que na relação de conteúdos necessários, esse operador ganha um sentido novo, funciona como operador discursivo, para especificar que um plano de fala pode ter um argumento ao lado de um argumento.

(14) TAMBÉM COMO NÓS PRECISAR EVOLUIR, TAMBÉM SÓ ESTE (apontamento anafórico ao objeto) NÃO TER OUTRO, OUTRO TEMA (várias vezes).

O conectivo interfrástico a ressaltar é o *só...não*. Há de se evidenciar um processo de lexicalização desse elemento na caracterização de conjunção em Libras. Mas o fenômeno a sublinhar nele é parecer não estar definitivamente fixado. Podemos comprovar a idéia de espaço (...) entre *só* e *não* a ser preenchido, ou seja, no espaçamento estão localizados os argumentos.

Desse modo para descrever como um único item lingüístico temos *só...não...*As lacunas congregam os argumentos. Esse fato enunciativo pode ser verificado através da comparação do recorte (15)

(15) SÉCULO XX TER PESSOA PUBLICAR, EXPLICAR ESTUDO TRADUÇÃO, MAS NÃO ESPECÍFICO. ESTUDAR PESQUISAR CAMPO DISCIPLINAR NÃO. SÓ DIVULGAR IMPRIMIR, EXPLICAR GRUPO ALEATÓRIO.

Em (15) o par opositivo **não** e **só** não detém um argumento a refutar, somente a contento a negação que em tal época não se estudava a tradução de forma específica, mas tão-somente sob olhar frangível e aleatório.

Enquanto o *só...não...* reúne argumentos de igual valor argumentativo e aditivos à orientação argumentativa. O recorte de plano de fala leva-nos a horizonte conclusivo, mediado pela direção a que se propõe.

Dessa tensão, no *só...não...* incide, na lacuna, um argumento para um fazer fazer numa conclusão, e em **não** e **só** vincula-se apenas uma informação, percebe-se um fazer saber.

A relação dos itens lexicais, a propósito, detecta a mudança na forma e comportamento sintático. O papel exercido por eles revela capacidade de linguagem, fixar novas estruturas com função gramatical e discursiva.

“O que acabou de se dizer mostra como se tem procurado no interior da semântica argumentativa, considerar que estes operadores têm uma função na articulação de argumentos.” (GUIMARÃES, 2007, p. 125). Na verdade, prefiro dizer, no caso do gênero, existir uma relação argumentativa, pois o *só...não...* adere ao evento discursivo argumentos para uma conclusão.

(16) ENTÃO MOSTRAR QUE AQUI DENTRO É ESTUDO TRADUÇÃO.

(17) CONHECER ESPECIAL GRUPO ÁREA ENTÃO AGORA CAMPO DISCIPLINAR ESTUDA TRADUÇÃO.

(18) SEMPRE QUE INTERPRETAR, TRADUZIR. DOIS (nomes das áreas) EVOLUIR ENTÃO COMBINAR ÁREA.

A priori, faz-se relevante anunciar que o uso dessa conjunção aparece em textos de registro mais formal na Libras. Tal qual o *como*¹, o *então* vem sendo utilizado por pessoas surdas de elevada formação educacional. Comumente, surdos de baixa escolarização usam outros mecanismos de conclusão em seus discursos.

Do ponto de vista gramatical o *então* consiste na relação entre os conteúdos de uma oração anterior e posterior a ele. Mas não só isso em Libras. Discursivamente existem implicaturas conversacionais, em que o processo de implicação está comprometendo todo corpus de argumento para a conclusão, cuja construção final vem desde a exórdia do texto.

Nos recortes enunciativos temos o *então* em posições distintas: marca de iniciação e de intercalação. O aspecto conclusivo não se altera. Entretanto, o movimento no nível da frase pode alterar a orientação argumentativa. A força contida no (18) vai acentuar-se mais forte do que no (16), por exemplo, já que aparenta uma conclusão definitiva.

O recorte (16) traz uma conclusão ponderada por uma espessura adjacente. “Movimento que implica, por si próprio que existe uma ordem do discurso específica.” (CHARAUDEAU et MAINGUANEAU, 2004, 46).

O fato enunciativo com *então* permite-nos, no gênero acadêmico, perceber mais construtos em sua formulação (i) além de operador de conclusão, o usuário toma-o como elemento expletivo, (ii) existe uma digressão de expressão facial em seu uso, os gestos é que são complementar, o argumento encontra-se na forma não-marcada, (iii) a frequência de sua aparição se dá mais em textos acadêmicos vide a quantidade de vezes utilizado pelo locutor.

(19) COMUNICAÇÃO GESTOS, MAS² TEMPO ATRÁS TER PESSOA INTÉRPRETE.

(20) COMO TRADUÇÃO AQUI MAS² TEM DOIS NOMES TRADUÇÃO .

Nesses planos de fala este tipo de “mas” introduz um enunciado que se opõe a um outro enunciado, porém pode considerar um modo de encadeamento diferente de *mas*¹(*m-a-s*) e *mas*³.

Seu desempenho discursiva estabelece orientação argumentativa na organização textual, onde o fato progride por oposição, levando em conta a direção indicada no argumento subsequente. Contudo, não cria argumentatividade, porque o gênero discursivo

em exposição não busca persuadir, mas, sim, convencer o interlocutor de que as aferições são verdadeiras.

Ao mesmo tempo, sua articulação entre fatos enunciativos alinhava diversos aportes como pontos de orientação, isso se permite por conter nesse conectivo grau de força maior do que em *mas¹(m-a-s)*.

O uso de *mas²* foi sempre, no gênero acadêmico, de caráter opositivo, todavia, encontra-se nos planos de fala orientação argumentativa de contrariedade. Essa função de contrariedade houve pela própria necessidade e indução da língua para marcação e pista discursiva à serviço da sequenciação transfrástica, para criar conflitos entre um enunciado e outro, e não pôr obstáculo.

No gênero acadêmico observado o *então* e *como¹* foram os conectivos interfrásticos de maior frequência. A participação biunívoca dos dois conectivos pondera a idéia de que são constituintes de textos mais formas.

5.3. Gênero Religioso

Antes de qualquer hipótese, inicio a análise do gênero religioso, por ter sido o único a usar o operador argumentativo “mas” com grau maior, com as palavras de Ducrot: “o operador “mas” pode exprimir um movimento psicológico entre crenças, opiniões, emoções, desejos, ainda que implícitos(...)” (KOCK, 2005, p. 73).

Todavia não principio pelo conectivo “mas” a observação neste gênero, e sim pelo *então*, porque este operador apresentou-se com mesmas instâncias discursivas do gênero acadêmico.

Planos de fala

(21) O SURDO PARECER BRINCAR, ENTÃO PODER ACONTECER FUTURO
CONHECER NADA VOCÊ.

(22) LIVRE, NORMAL, NORMAL ENTÃO DENTRO-INTERIOR-CORPO.

O locutor de forma estratégica começa seu discurso em ordem inversa. A regularidade dessa inversão faz do episódio da enunciação um lugar transcendental, pois a orientação argumentativa leva não só a uma futuridade do texto, sua progressão textual, como também busca concorrer com argumentos para a futuridade metafísica melhor para seus interlocutores.

O enunciador também possui formação em nível superior, assim como o locutor do gênero acadêmico, e fatos semelhantes entre eles e nos enunciados, excetuando a do parágrafo anterior, sucedem aqui, em especial a digressão da expressão facial como elemento argumentativo.

(23) SURDO SABER IGUAL OUVINTE, TAMBÉM COMPROMISSO NÃO-TER.

O recorte (23) apresenta um uso remisso de conteúdo semântico no conectivo *também*. Há através desse operador um subentendido entre os dois grupos culturais: falta-lhes uma convicção, isso apercebe-se pela ligação semântica entre os dois enunciados. Tal fato não foi visto nos dois gêneros anteriores.

(24) SUA ALMA PRESA FALTAR VOCÊ LIBERTAR, PORQUE DENTRO NÃO-QUERER.

O uso do *porque* está relacionado à função lógico-semântica de explicação, causa e consequência, onde se aplica a fórmula *se p então q*, pois temos duas proposições onde a segunda oração justifica o fato da primeira.

Foram achados dois enunciados com o conectivo *porque*, sempre a configurar o enunciado C como conclusão de A, já que o *porque* em Libras o *porque* também assume o papel de “portanto”.

(25) IR FESTA BARRIL VINHO, MAS² ANTES E AGORA ALCOÓL DIFERENTE.

Neste gênero o *mas²* permanece em sua característica opositiva, entretanto, como ocorre no *então*, a digressão de argumentatividade está na expressão facial, onde sustenta a

objeção de argumentação em grau um pouco mais elevado do que o *mas*² do gênero acadêmico.

Pelo sentido, essa hipótese deve se levar em conta a orientação do que está confrontando, a força de oposição torna-se uma força argumentativa, representado no enunciado pela marca não-manual. Ainda não sustenta uma obstrução total.

(26) S-I¹ PESSOA NÃO-QUERER ORAR, NÃO-QUERER AJUDAR FAMÍLIA, AJUDAR AMIG@, CONFESSAR NADA PODER OUVIR? IMPOSSÍVEL.

No enunciado (26) temos a relação lógico-semântica de forma clara. A regularidade uso do *s-i'* aqui segue a condicionalidade direta. Logo, tem-se *se p então q*, a afirmação de *q* está implícito ao enunciado como conclusão. O enunciado primeiro evidencia algo condicionante e o segundo a condicionada em mesmo grau de força.

(27) S-I¹ LER BÍBLIA USAR (meneia a cabeça em negação) DÁ CONHECER? TAMBÉM NÃO CONHECER VOCÊ

(28) S-I¹ VOCÊ LER BÍBLIA, USAR, CONSEGUIR CONHECER DEUS. DEUS TAMBÉM CONHECER VOCÊ.

(29) ENTÃO S-I¹ DESCOBRIR TIRAR JOGAR-FORA NÃO-QUERER ERRADO QUIETO.

A repetição sequencial do **s-i¹** busca estimular um série de condicionalidade direta e indireta sobre o Outro. Há um jogo de orientação.

No emaranhado de uso de *s-i'* mais do que uma relação de probabilidade, há uma estratégia discursiva com muita perspicácia demarcada. O *s-i'* ora orienta a uma conclusão contra o pecado, preenchida de argumento a favor da proposição do locutor. Ora o *s-i'* propõe relação lógico-semântica onde “*s-i'* verdade, então verdade que”.

Dentro do discurso religioso a condicionalidade não é somente uma lógica, nesta esfera o *s-i'* prevalece sobre limite da frase e lógica esperada, pois toda relação e articulação de argumentos entre todos os conectivos *s-i'* intencionam produzir no interlocutor que: sua vida deve mudar segundo o objetivo da homilia – a regeneração.

Desse modo, temos fortemente marcado em Libras, na sequenciação dos enunciados, essa partícula linguística na qualidade de operador argumentativo, numa discursividade para além da expressão propriamente dita, para a relação de sentidos.

A conjunção em análise articula estratégia, sentido, orientação argumentativa nos enunciados, cujos conteúdos são argumentos. A repetição segmental é que modaliza o *s-i'* nesse conjunto fraseológico, a funcionar num bloco de argumentação para uma conclusão onde os enunciados são argumentos suficientes para sustentar a finalidade do locutor.

Em enunciados estanques haveria no *s-i'* enfraquecimento de discurso, mas é na congregação de vários *s-i'* que o locutor procura criar uma rota condicionante em que argumentos justapostos são motivações para probabilidades articuladas como argumentos, e probabilidades com relação metafísica. A ação em conjunto faz de *s-i'* um operador argumentativo. A relação sintagmática estabelece a força argumentativa.

(30) VAI ABENÇOAR, MAS³ NÃO-PODER

(31) PODER CONSEGUIR UNIÃO AMIGO DEUS, DAR, MAS³ NÃO-QUERER

(32) VAI ABENÇOAR VOCÊ, MAS³ NÃO-CONSEGUIR.

(33) DAR UNÇÃO, DAR SANTO, DAR CRESCER, MAS³ DENTRO EGOÍSTA CARNE.

Se observarmos bem e levarmos em conta o que está dito em C, a estrutura por si própria já nos mostra um obstáculo para o enunciado A. A força argumentativa ganha escala maior com a presença de *mas³*. A relação semântica e de sentido entre *mas³* e sua os elementos subseqüentes pressupõe uma obstrução total.

O operador discursivo *mas³* é eminentemente argumentativo, orienta argumentativamente a uma conclusão, anula e/ou apaga a idéia da primeira oração na segunda oração. O grau argumentativo carrega a força argumentativa para pôr em confronto direto, no discurso, o santo e o profano.

O uso do *mas³* caracteriza-se pelo encadeamento, em grau máximo, de razões, o qual quer mudar o comportamento do alocutário diante do sagrado. A aplicação sequencial de *mas³*, efetua um jogo de orientação argumentativa, pressupondo a representação do efeito de sentido. Isto é, as informações alternam-se numa dialética no interior do plano de fala, sob o (in)fluxo da enunciação, como estratégia na articulação de relações argumentativas.

“Vemos que o jogo enunciativo entre representação do sujeito da enunciação, orientação argumentativa e articulação

tema/comentário do recorte produzem estratégias de relação diversas que criam vários caminhos na organização textual e, portanto, na constituição dos diversos efeitos de sentido destes recortes.” (GUIMARÃES, 2007, p. 121)

O *mas*³ em todos os recortes não muda o grau de força, entretanto as forças alternam a orientação conforme a combinação dada nos segmentos subjacentes, correlacionados pela subjetividade do locutor em si posicionar como sujeito. “Assim, vemos como o jogo de representações do sujeito da enunciação tem aqui seu valor argumentativo próprio que se cruza com a orientação argumentativa” (GUIMARÃES, 2007, p. 118).

Na perspectiva de locutor, o sujeito linguageiro ou da linguagem procura dar uma unidade ao texto que constrói, segundo a perspectiva da qual se formulou o tema do encontro com seu alocutário: a unção de sacerdote.

Lembremos que o enunciador inicia seu discurso com uma inversão na organização textual, porque “a organização textual tem como um dos seus fundamentos a orientação argumentativa.” (ibidem, p. 116), e tal implicatura favorece a relação entre o programado e o realizado no encontro: para ser sacerdote precisa ser santo, abandonar o profano.

6. Considerações Finais

Meu objetivo neste estudo foi problematizar os enunciados em Libras como unidade de discurso para influir no alocutário. Contudo, para se fazer recortes desses enunciados, precisei reclassificar com denominação nova, à qual pus o nome de plano de fala.

Os planos de fala estão atrelados aos gêneros discursivos, pois optei em considerar os operadores discursivos não em sua semântica independente, mas a relação que estabelecem na relação sintagmática no discurso, e, principalmente, como servirão a determinados gêneros discursivos.

Esses gêneros foram o palco da avaliação do comportamento discursivo e argumentativo das conjunções da Libras como conectivos interfrásticos e, na sua relação discursiva, de conectivos interfrásticos a operantes argumentativos na estratégia de estabelecer a orientação argumentativa e a produção de sentidos.

A força argumentativa contida em cada conectivo aumenta sua escala na distribuição nesses gêneros, como são usados para a manutenção do texto e da intenção de cada locutor, para direcionar a uma orientação argumentativa e desse a uma conclusão.

Percebi, então, que determinados conectivos correspondem ao gênero do discurso. Assim, no gênero social a figura de *porque* foi imprescindível para justificar o motivo de a sociedade inclusive existir. Lá o locutor busca sair do lugar onde não quer estar e onde a sociedade o coloca para viver. Esforça-se a todo tempo a explicar sua competência e capacidade como ser humano e legitimar sua condição humana.

Mais à frente, no gênero acadêmico, a presença de *como* e *então* como elementos de natureza formal e que engendram um texto mais acadêmico e cujo uso dar-se pela formação discursiva e educacional de seu locutor.

Em seguida, no gênero religioso, a participação de *s-i'* e de *mas*³, principalmente, buscam na argumentação a persuadir o alocutário ao caminho estabelecido nas regularidades de seus enunciados.

As regularidades dos enunciados alteram a orientação argumentativa e por meio dessa direção, aponta-se rotas enunciativas para a conclusão. E todas as orientações demandam um dizer do locutor.

O locutor constrói-se como sujeito linguageiro, ou seja, aquele que inscreve sua subjetividade no discurso, deseja gerar sentidos em seu interlocutor, manipula as instâncias da língua para intuir seu projeto de fala no Outro.

Levantei a questão de inaugurar o + e *só...não* como operadores discursivos, num processo de lexicalização e gramaticalização dos dois elementos, pois nos discursos onde irromperam, funcionaram de igual noção e valor semântico de outros elementos conjuntivos.

O nascimento tal qual descrito acima ocorre devido às enunciações, onde se produz um evento, que nele se confere a subjetividade do sujeito da linguagem nos enunciados, por novas combinações linguísticas.

Minha pesquisa se formulou em duas bases de dados. A primeira uma abordagem bibliográfica para escudar todas as hipóteses levantadas aqui. A segunda, observação de

material humano e lingüístico com o uso de dvd, onde foram gravados os três planos de fala aqui utilizados.

A materialidade lingüística analisada foram recortes discursivos produzidos por três sujeitos surdos proficientes em Libras e que já desempenham a função correlata aos gêneros discursivos.

Também para facilitar a observação de suas falas oral em Libras, utilizei o método de caixa alta em enunciados enumerados. Para que a avaliação dos enunciados pudesse acontecer, foi preciso criar um esquema de escala argumentativa para implicar o valor/grau/força dos conectivos em sua relação situação-contexto.

Desse modo temos *mas¹(m-a-s)*, *mas²* e *mas³*, *como¹* e *como²(c-o-m-o)*, *s-i¹* e *s-i²*, *porque*, *também*, *então*, *+* , *só...não...* como operadores que incidem no discurso e congregam argumentos no discurso de gênero.

Minha pesquisa deu-se em face de necessidade de comprovar a língua brasileira de sinais um instrumento de interação verbal e de poder psicossocial na relação entre *eu/tu*. Além de o conceito de língua natural a que está submetida, vimos neste estudo a força ilocutória que reside nesse fascinante idioma.

Por derradeiro, esse trabalho toma corpo de ensaio às investigações da Libras no campo da análise de discurso. Estabeleço análise DE discurso porque essa é a teoria geral da discursividade das línguas, enquanto a análise DO discurso me serviu à diversidade das práticas discursivas humanas.

Portanto, abre-se um novo locus discursivo a ser aprofundado, a LIBRAS, com fundamentação sugerida nas conferências dos muitos autores aqui partícipes da construção dessa investigação.

APÊNDICE

TRADUÇÃO DOS PLANOS DE FALA EM LIBRAS PARA O PORTUGUÊS.

(1a) As pessoas precisam exercer seu direito de ir e vir, mas tem dificuldade porque outras pessoas não conhecem esse direito.

(2a) O surdo tem dificuldade de ler e estudar, mas os ouvintes também têm dificuldade em Libras.

(3a) Se os cegos baterem a cabeça? As pessoas têm moldes de vida diferentes.

(4a) Também na sociedade inclusiva temos a relação e a amizade.

(5a) Surdo e ouvintes podem ter uma relação melhor, também os surdos precisam de inclusão no trabalho.

(6a) Antes eu não conhecia nada, agora entendo como se representa o mundo.

(7a)...porque agora mudei. Cresci.

(8a) Os surdos e ouvintes são iguais. O surdo sabe Libras e os ouvintes sabem a língua português.

(9a) Não só duas coisas, para o cego o braille e para o surdo intérprete, e para o cadeirante elevador e ao cego, chão aderente.

(10a) Dolet escreveu sobre o quê? Como a tradução se processa de forma boa e excelente.

(11a) A paráfrase explica como é o sentido da tradução.

(12a) ...Como a tradução ocorre nesse processo.

(13a) Apresentar o campo disciplinar, que também explica como é um tipo formação profissional e também como é a competência tradutória.

(14a) Também como nós precisamos se desenvolver nesse processo, não só se desenvolver nesse tópico, como também em outros temas.

(15a) No século XX as pessoas estudavam, publicavam sobre a tradução, não de forma específica, como campo disciplinar. Somente de forma aleatória eram feitos os estudos e pesquisas.

(16a) Então mostraremos o que há no interior dos estudos de Tradução.

(17a) Conhecimento específico na área. Então agora estudaremos a Tradução como campo disciplinar.

(18a) Desde que os processos de interpretar e traduzir se desenvolveram, então tornaram-se área de estudo.

(19a) Levava o nome de comunicação gestual, mas tempo atrás já havia intérprete.

(20a) Como se dá o processo de tradução, mas recebe esse processo recebe duas nomeações.

(21a) O surdo parece brincar, então pode ocorrer que no futuro não seja reconhecido.

(22a) “Sou livre, tudo é normal”, então internamente não está bem.

(23a) O surdo sabe e os ouvintes também que não são comprometidos.

(24a) Sua alma está presa, falta libertação, isso porque você não quer.

(25a) Foi à festa e bebeu vinho, mas antigamente o vinho era bem diferente do vinho de agora.

(26a) Se a pessoa não quer orar, não quer ajudar a família, não quer ajudar os amigos, não quer confessar, é impossível ser ouvida.

(27a) Se não ler e não usar a Bíblia pode conhecê-la? Também não será conhecido.

(28a) Se você ler a Bíblia e usá-la terá conhecimento de Deus. Também ele conhecerá você.

(29a) Então, se descobre pela Palavra, tira e joga fora o errado, não vai querer o erro, fica tranquilo.

(30a) Deus ia te abençoar, mas não pôde.

(31a) Poderia ter união e amizade com Deus, mas você não quer.

(32a) Deus vai abençoar você, mas fica impedido.

(33a) Daria a união, daria santidade, daria crescimento, mas por dentro você é egoísta e gosta do pecado.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Castelar. **Para compreender SAUSSURE – fundamentos e visão crítica**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHARAUDEAU, P. et MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARAUDEUA, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. (Tradução de Ida Lúcia Machado, Renato de Mello e Williane Viriato Rolim). IN: MARI, H., MACHADO, I.L., CAVALCANTE JUNIOR, **Francisco Silva. Por uma escola do sujeito: o método (con)texto de letramentos múltiplos**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.
- MELLO, R. (orgs.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, pp. 23-37.
- ROCHA, Fabiano Guimarães da. A construção da educação de surdos na perspectiva do letramento. Monografia. Centro de Ciências Humanas/Universidade Veiga de Almeida, campus Tijuca, 2006.
- FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERNANDES, Sueli. Bons sinais: Nova lei torna a LIBRAS – língua dos surdos brasileiros – disciplina obrigatória nos cursos de magistérios. **Discutindo Língua Portuguesa**. Edição nº 4, outubro, 2006.
- FIORIN, José Luiz. Sabe com quem está falando? **Língua Portuguesa**. Edição nº 40, fevereiro, 2009
- GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição revista e ampliada, 2007.
- KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. São Paulo: editora Contexto, 2005.
- KOCK, I. G. V e TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual. São Paulo: editora Contexto, 2004.
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 1982.
- LAUAND, Luiz Jean. O raciocínio em provérbios. Os ditos populares podem ajudar a entender melhor as estruturas de uma língua. **Língua Portuguesa**. Edição nº 5, março, 2006.

LUBBADEH, Jens. Línguas silenciosas. **Mente&Cérebro**. Edição nº 165, outubro, 2006.

MELLO e RIBEIRO (orgs.). **Letramento: significados e tendências**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Tempos de eufemismo. **Língua Portuguesa**. Edição nº 39, janeiro, 2009.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, KAUCHAKJE e GESUELI (orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade**. São Paulo: Plexus, 2003.

SILVA, Maria da Piedade Marinho. **A construção de sentidos na escrita dos surdos**. São Paulo: Plexus, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.